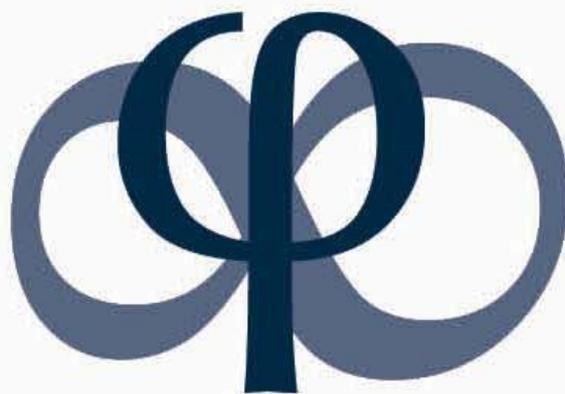


A QUESTÃO DE DEUS

Ensaaios Filosóficos



A QUESTÃO DE DEUS
HISTÓRIA E CRÍTICA
FCT / CFUL

Coordenação

Maria Leonor L. O. Xavier

Zéfiro

A QUESTÃO DE DEUS

Ensaio Filosófico



A QUESTÃO DE DEUS
HISTÓRIA E CRÍTICA
FCT / CFUL



NOVA ÁGUIA

Associada à *Nova Águia – Revista de Cultura para o Século XXI*, a *Nova Águia* é uma colecção de livros com o mesmo espírito: buscar as Raízes mais fundas e os Horizontes mais altos da Filosofia e da Cultura no espaço lusófono.

Director: **Renato Epifânio**
www.novaaguia.blogspot.com

**ENTRE FILOSOFIA E CULTURA: PERCURSOS PELO PENSAMENTO
FILOSÓFICO-POÉTICO PORTUGUÊS NOS SÉCULOS XIX E XX**

Maria Celeste Natário

A CADA INSTANTE ESTAMOS A TEMPO DE NUNCA HAVER NASCIDO

Paulo Borges

A VERDADE DO AMOR

(Seguido de Adoração – Cânticos de Amor de Leonardo Coimbra)

António Telmo

A QUESTÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA – VOL. I & II

Coord.: Maria Leonor L. O. Xavier

**ACTAS DO III COLÓQUIO LUSO-GALAICO SOBRE A SAUDADE:
EM HOMENAGEM A DALILA PEREIRA DA COSTA**

Coord.: Maria Celeste Natário, António Braz Teixeira, Afonso Rocha, Renato Epifânio

HARMONIAS E DISSONÂNCIAS:

ESTUDOS SOBRE O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ANTÓNIO JOSÉ DE BRITO

Coord.: Maria Celeste Natário, António Braz Teixeira, Renato Epifânio

A REACÇÃO CONTRA O POSITIVISMO E O MOVIMENTO DA RENASCENÇA PORTUGUESA

Coord.: Maria Celeste Natário, António José de Brito, Renato Epifânio

AGOSTINHO DA SILVA: HISTÓRIA E PROFECA

Pinharanda Gomes

VIA ABERTA: DE MARINHO A PESSOA, DA FINISTERRA AO ORIENTE

Renato Epifânio

CONGEMINAÇÕES DE UM NEOPITAGÓRICO

António Telmo

A EXPERIÊNCIA REFLEXIVA: ESTUDOS SOBRE O PENSAMENTO LUSO-BRASILEIRO

António Braz Teixeira

EDUARDO ABRANCHES DE SOVERAL: O PENSADOR, O FILÓSOFO, O HUMANISTA

Coord.: Maria Celeste Natário, António Braz Teixeira, Renato Epifânio

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE ALADINO E A LÂMPADA MARAVILHOSA

Rodrigo Sobral Cunha

A GNOSE DE SAMPAIO BRUNO

Afonso Rocha

CARTAS DE NOÉ PARA NAYMA

Carlos Aurélio

A VIA LUSÓFONA – UM NOVO HORIZONTE PARA PORTUGAL

Renato Epifânio

O MOVIMENTO FENOMENOLÓGICO EM PORTUGAL E NO BRASIL

Coord.: Maria Celeste Natário, António Braz Teixeira, Renato Epifânio

O FILÓSOFO FANTASMA – LÚCIO PINHEIRO DOS SANTOS

Pedro Baptista

A ESCOLA DE BRAGA E A FORMAÇÃO HUMANÍSTICA – TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Coord.: Maria Celeste Natário, José Gama

JOSÉ SARAMAGO – DA CEGUEIRA À LUCIDEZ

António José Borges

FILOSOFIA DO RITMO PORTUGUESA

Rodrigo Sobral Cunha

A QUESTÃO DE DEUS – ENSAIOS FILOSÓFICOS

Coord.: Maria Leonor L. O. Xavier

ITINERÁRIOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO PORTUGUÊS

Maria Celeste Natário

A QUESTÃO DE DEUS

Ensaios Filosóficos



A QUESTÃO DE DEUS
HISTÓRIA E CRÍTICA
FCT / CFUL

Coordenação
Maria Leonor L. O. Xavier

Zéfiro

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

Apoio:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

VNIVERSITAS

Centro de Filosofia
OLISIPONENSIS

Título

A Questão de Deus – Ensaio Filosófico

Coordenação

Maria Leonor L. O. Xavier

Revisão

Ana Rita Ferreira, Filipa Afonso e Maria Leonor L. O. Xavier

Logótipo

Filipa Afonso

Editores

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª Edição: Dezembro de 2010 | ISBN: 978-989-677-056-3
Depósito Legal: 320 389/10 | Impressão: Rolo & Filhos II, S.A.

© 2010, Zéfiro



Zéfiro

Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal
Tel.: (+351) 914 848 900 – Email: zefiro@zefiro.pt

www.zefiro.pt

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
I – UMA QUESTÃO SOBRE RELIGIÃO	11
A morte de Deus na cultura ocidental.....	13
<i>Carlos João Correia</i>	
A questão de Deus e a questão da história das religiões	25
<i>Everaldo Cescon</i>	
Providência.....	41
<i>Maria Leonor L. O. Xavier</i>	
A natural desire for Providence?	55
<i>Walter Van Herck</i>	
A única religião da Terra e o que nos impede de a praticar	67
<i>Manuel curado</i>	
II – UMA QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA	87
A probabilidade de Deus: o argumento da afinação minuciosa.....	89
<i>Pedro Galvão</i>	
Deus.....	103
<i>Américo Pereira</i>	
Vida, liberdade e subjetividade religiosa: mapeando um acesso possível à questão filosófica de Deus.....	113
<i>Luís H. Dreher</i>	
III – UMA QUESTÃO METAFÍSICA	147
Em louvor da inutilidade de Deus	149
<i>Renato Epifânio</i>	
Absoluto, subjectividade e possibilidade.....	153
<i>José Costa Macedo</i>	
O conceito filosófico de Deus	173
<i>Mafalda blanc</i>	
Two ways of looking at three and the triune God's perplexing goodness.....	199
<i>Scott Randall Paine</i>	

IV – UMA QUESTÃO TEOLÓGICA E ANTROPOLÓGICA	217
As religiões nos roteiros da paz. O ecumenismo	219
<i>Joaquim Cerqueira Gonçalves</i>	
Deus Pai ou Deus Mãe? Um olhar feminino sobre Deus	253
<i>Maria Luísa Ribeiro Ferreira</i>	
Deuses, homens e animais. Uma relação ambivalente.....	267
<i>Cristina Beckert</i>	
A descrença divina no homem	277
<i>Isabel Santiago</i>	
V – NOS LIMITES DA QUESTÃO	297
Prova e provação de Deus	299
<i>Fernando Belo</i>	
Limites. Uma alusão	315
<i>Helmut Kohlenberger</i>	
Vacuidade e Deus	323
<i>Paulo Borges</i>	
A mística não fala de Deus. Visão paradoxal da experiência mística.....	357
<i>Carlos H. do C. Silva</i>	
ÍNDICE ONOMÁSTICO	411
ÍNDICE DE AUTORES	427

APRESENTAÇÃO

Esta obra é o resultado da segunda linha de desenvolvimento do projecto de investigação e de reflexão filosófica «A Questão de Deus. História e Crítica», apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL). A concepção deste projecto inclui duas linhas de desenvolvimento encadeadas entre si. A primeira visou um exercício de memória da questão de Deus na história da filosofia e conduziu à publicação da obra em dois volumes, *A Questão de Deus na História da Filosofia* I-II (2008), incluindo dezenas de estudos de especialidade e de síntese. Ainda que uma tal visão retrospectiva valha por si e possa constituir um objectivo autónomo de investigação, a verdade é que, neste projecto, pretendemos, através dela, perder a nossa inocência intelectual na abordagem actual de uma questão que é realmente antiga e estruturante da história do pensamento ocidental. Há, assim, um segundo objectivo na ordem de realização deste projecto: a nossa reflexão actual sobre a questão de Deus, amadurecida pelo conhecimento das transformações da questão ao longo da história da filosofia. É este objectivo que se concretiza na presente obra, *A Questão de Deus. Ensaios Filosóficos*. Esta é, pois, uma obra de filosofia contemporânea, que reúne os textos ensaísticos dos autores, colaboradores deste projecto, que ousaram equacionar pessoal e racionalmente a questão nos dias de hoje. É nossa convicção de que os estudos universitários em filosofia não só devem assegurar a memória da tradição filosófica como devem estimular a construção do pensamento pessoal na actualidade, e aquele primeiro objectivo nada perde do seu valor intrínseco se servir este segundo objectivo. Com efeito, só a realização do segundo objectivo consagra a maioria intelectual das gerações do presente e do futuro, que guardarem a herança de um tão rico património de ideias como é o da história da filosofia.

O único traço comum a unir todos os autores, que colaboram nesta obra, é que todos têm formação filosófica, e quase todos exercem, ou exerceram, funções docentes no ensino universitário. Esta é, por isso, uma obra de múltiplos equacionamentos filosóficos da questão de Deus, não propriamente uma obra de diálogo inter-religioso, embora possa servir este diálogo, na medida em que a filosofia se oferecer como mediação útil. Além disso, no âmbito deste projecto, todos os autores são inteiramente livres de manifestarem a sua orientação confessional, se a tiverem e qualquer que ela seja, de modo que co-determine as respectivas abordagens filosóficas da questão de Deus. Nenhuma tutela doutrinária é imposta pela coordenação do projecto, pois quem é a responsável do projecto para o fazer? Ninguém. A garantia de uma total liberdade de pensamento e de expressão promoveu a inclusão nesta

A ÚNICA RELIGIÃO DA TERRA E O QUE NOS IMPEDE DE A PRATICAR

MANUEL CURADO

I – TAREFAS PARA A FILOSOFIA DA RELIGIÃO

Talvez já não seja possível dizer nada de interessante sobre a religião. O assunto é muito velho e ocupou as melhores inteligências da humanidade. Provavelmente, já se disse tudo o que se pode dizer e estamos condenados a fazer glosas do já dito, do já pensado e do já experienciado. A existir um conhecimento verdadeiro sobre a religião, ele estaria no passado e o melhor que podemos fazer é recuperar e interpretar esse conhecimento. Este ponto de vista é inaceitável. O respeito para com o passado não nos livra de embaraços. O assunto causa-nos hoje tanta perplexidade como sempre causou. O avanço do conhecimento científico do mundo tem sido incapaz de acabar com a necessidade religiosa das pessoas. A respeito da procura do sentido último para a existência, a ciência está tão mal equipada quanto qualquer pessoa que tenha vivido há milhares de anos. Perante isto, pode acontecer que séculos de reflexão sobre este assunto não tenham tido grande valor porque as pessoas tomaram como certas e evidentes algumas ideias sobre a religião. A agenda para a filosofia da religião é a de compreender esta anomalia da inteligência humana. O início do inquérito tem forçosamente de abordar o que parece tão evidente que já não merece segundos pensamentos. Os debates religiosos transmitem a impressão de um mundo fechado em que, por várias razões, já ninguém coloca as questões de uma criança na idade dos porquês. Em certo sentido, não há hoje nenhuma filosofia da religião, se bem que possam existir estudos magníficos sobre a história das religiões. O que se propõe com as palavras que se seguem é uma reflexão sobre verdades religiosas que são tão evidentes que ninguém as questiona seriamente. Um Filósofo não pode deixar de as questionar. Afinal, podemos estar a ser enganados há muito tempo.

A religião é um assunto raro. Cada ser humano que hoje reflecta sobre a origem e a natureza da religião fica rapidamente triste ao reparar que tudo o que é significativo nas religiões surgiu antes do seu próprio nascimento. É como se a história tivesse pregado uma partida a todas as pessoas. A origem de cada religião parece estar sempre no momento errado: está no passado, e as pessoas que pensam estão no presente. Como se este infortúnio não fosse suficiente, existe ainda o incómodo da raridade do assunto. Não há tantas religiões quanto há pessoas e sociedades. Cada pessoa vive, pois, o drama privado de nunca ser testemunha da origem de uma religião. Um modo sábio de viver com as limitações é o de aumentar o mundo com objectos



que não existiam antes. Ninguém no tempo de Camões poderia ter ouvido Mozart porque este músico ainda não tinha nascido. Se alguém, contudo, tivesse necessidade de música, poderia dedicar-se à composição e fazer nascer melodias que ainda não existiam no mundo. Esta sabedoria atravessa todas as áreas da acção humana. Por que razão havemos de viver limitados? É sempre possível criar o que não existia antes. As pessoas que se dedicam à religião conseguiram criar uma excepção a este panorama. A iniciativa das religiões vem de fora do mundo humano e nenhuma religião séria parece ter nascido exclusivamente da obra humana. Neste sentido, não há religiões artísticas, nem industriais, nem políticas. Ninguém pode fazer experimentalmente uma religião e comparar os resultados com religiões que parecem ter tido uma origem sobrenatural e não humana.

Uma filosofia da religião que não seja escrava dos modos de pensamento habituais tem forçosamente de questionar estas evidências. Pode acontecer que a raridade das religiões seja ilusória e que de facto existam muitas mais do que parecem existir. Pode acontecer, pelo contrário, que a aparência de diversidade das religiões seja ilusória e que, de facto, não exista nenhuma religião ou que exista apenas uma. A sensação de impotência humana devido à incapacidade de dar origem a novas religiões por sua iniciativa também pode ser abalada. Talvez seja possível criar cultos novos segundo o desejo de cada um. Um filósofo da religião não é um crente cujo pensamento mercenário explica as razões da fé. Um filósofo da religião é um ser livre que desconfia da evidência mais absoluta com que é confrontado.

Outra ideia muito comum é a de que as religiões que existem são, de facto, isso mesmo: religiões. Evidência maior do que esta não é possível. Se as pessoas que pertencem a essas religiões afirmam que são religiões, quem as poderá contrariar? Este discurso funda-se na opinião dos interessados. Os filósofos que reflectem sobre estas coisas não têm recursos argumentativos para contrariar a força das opiniões dominantes, mesmo que estas não tenham fundamento. Os argumentos racionais chocariam contra uma parede de betão. É necessário proceder a uma investigação exaustiva sobre os sinais do sobrenatural na prática das associações cívicas que se apresentam como dedicadas a assuntos religiosos. A procura de sinais tem o objectivo de averiguar se tudo na religião é obra humana ou se há indícios de algo não humano. Se a religião acabar por ser exclusivamente obra humana, a conclusão a extrair dessa investigação é a de que os grandes cultos da humanidade não são de facto religiosos.

É claro que o modo de proceder a esta investigação não é consensual. Existem assuntos a que o discurso se refere sem que seja possível colocá-los sobre a mesa. Não é possível colocar sobre a mesa a inflação da Europa Ocidental no ano de 2010, nem figuras literárias como o D. Quixote, nem seres matemáticos como o pi. Deste ponto de vista, as figuras sobrenaturais que aparecem nos discursos religiosos não podem também ser colocadas sobre a mesa. Esta objecção de princípio não é tão forte quanto parece. As pessoas religiosas não afirmam que as entidades sobrenaturais são metafóricas ou seres literários ou realidades matemáticas; os atributos que outorgam a essas entidades descrevem um modo de existência que pode ser identificado no

mundo natural. Por definição, as entidades sobrenaturais podem interagir com a natureza e com a história humana. Se isso não acontecesse, estaríamos a falar de arte ou de história humana mas não de religião.

Uma investigação séria sobre a essência do religioso tem de averiguar se há alguma coisa que possa ser identificada sem ambiguidade como resultado da acção causal do sobrenatural na natureza e na história humana. Este é um caminho árduo em que provavelmente não se chegará a lugar algum. Os religiosos podem sempre argumentar que todo o universo visível é obra divina e, com isso, garantir a maior objectividade possível porque não há nada mais objectivo do que a natureza. Se apoucarem o seu exemplo, indicando objectos mais pequenos do que a totalidade da natureza, também não nos livraríamos de dificuldades porque teríamos de interpretar cada objecto e cada suposto sinal da acção sobrenatural. Nada de bom há a esperar de uma investigação que tenha de enfrentar o problema hermenêutico. Os últimos séculos da história humana revelam a este respeito sinais de que não há solução possível para tudo o que envolve a interpretação. Não há no mundo interpretações definitivas, nem absolutas, sem insusceptíveis de crítica. Uma interpretação boa no meio de um milhão de interpretações tontas pode não ser reconhecida porque quem avalia a qualidade das interpretações pode cansar-se de analisar um milhão de interpretações tontas. É recomendável, por conseguinte, uma outra estratégia. Como o início do inquérito tem as pessoas como protagonistas, e não as entidades sobrenaturais, há que averiguar se as manifestações do religioso são alguma coisa a mais em relação à capacidade humana de fazer e de produzir. Pode acontecer que todas as manifestações do religioso só tenham um correlato humano, apenas humano e nada mais do que humano. Deste ponto de vista, as religiões seriam amplificações da realidade humana, a projecção no céu das grandezas e misérias de todos nós. A confirmar-se este resultado, seria importante saber por que razão os seres humanos apreciam essas amplificações da sua realidade quotidiana. Esta tarefa mostraria sem dúvida o papel que as práticas religiosas têm na vida humana.

Como possibilidade filosófica, pode acontecer que as religiões não tenham nada de religioso. O facto de afirmarem que se dedicam a assuntos sobrenaturais não é uma prova de que existam assuntos sobrenaturais; pode tratar-se de uma manifestação de desejo de pessoas solitárias.

Uma terceira evidência sobre a religião que qualquer filósofo deverá considerar tem a ver com o local da religião nas pessoas humanas. A esmagadora maioria das pessoas que se identificam como religiosas afirma que o assunto tem uma localização precisa na sua vida. A crença é o local da vida mental das pessoas em que acontece a religião. As pessoas descartam localizações como as mãos e os pés; o assunto não parece ter muito a ver com o fígado e com os cabelos; a existir alguma unanimidade, as pessoas indicam locais estranhos como o coração e a cabeça. Estas partes das pessoas parecem ter alguma coisa a ver com a vivência religiosa. No que diz respeito à matéria religiosa, descartam-se imediatamente objectos como o sangue, os ossos e a linfa. A matéria religiosa parece ser de natureza mental, mas, mesmo aqui, há

muitas dúvidas. As pessoas não associam a matéria religiosa à birra das crianças, nem à sensação de cócegas, nem ao sabor de tarte de maçã. Estas são experiências mentais normais que não têm nada de religioso, por muito enigmáticas que sejam. A actividade racional também não parece ser a matéria de que é feita a experiência religiosa. Analisar conjecturas matemáticas e tentar descobrir o percurso entre duas cidades que gaste menos combustível de um automóvel são actividades mentais racionais que não parecem ter nada de religioso. Igualmente descartadas são as experiências de sonho nocturno e de enjoo quando se está a bordo de um navio em alto mar. Se perguntássemos aos religiosos, a resposta seria indubitavelmente a experiência mental da crença. Aqui e ali obteríamos respostas de pessoas que se inclinam a acrescentar duas ou três experiências mentais de natureza emocional à crença. Essas pessoas ficariam horrorizadas se a crença fosse acompanhada de cócegas ou do cheiro a terra molhada depois de uma chuva de Outono, mas não parecem ficar incomodadas se se acrescentar um bocadinho de emoção à crença. É claro que dirão que cem por cento de emoção não é assunto religioso; os religiosos desejam uma racionalidade quanto baste e, para isso, a proporção aceitável parece ser a crença religiosa, uma mistura entre a racionalidade e a emoção.

A associação da crença com a religião é tão esmagadora que só um filósofo poderá enfrentar o assunto. Não há nenhuma razão para que a religião esteja associada à capacidade humana de ter crenças e não, por exemplo, às capacidades humanas de ver ou de sentir cócegas. As pessoas poderiam ser religiosas mesmo que não acreditassem. Isto não é tão espantoso quanto parece; de facto, é muito banal. Qualquer automobilista conduz mesmo que não acredite que as bermas da estrada se vão encontrar no infinito. Os seres humanos fazem muitas coisas que algumas partes das suas mentes não aceitam e, também, não fazem outras cuja pertinência reconhecem. Alguém pode saber que o excesso de calorias lhe faz mal mas, mesmo assim, comer o bolo de chocolate que tem à frente. É, pois, surpreendente que a religião esteja associada à crença. Um filósofo sério deverá investigar se este estado de coisas acontece desde sempre ou se, pelo contrário, a crença religiosa surgiu a determinada altura da história e acabou com a verdadeira religião. Se isso se comprovasse, seria possível afirmar que a crença religiosa não tem nada a ver com a religião e que, de facto, é a morte da religião, o seu canto de cisne. Estas são, reconhecidamente, possibilidades radicais e não há muitas pessoas a questionar por que razão a religião está associada à crença e por que razão as pessoas perguntam umas às outras se acreditam em Deus, quando há questões mais razoáveis que poderiam formular.

Uma criança na idade dos porquês não deixará de se questionar sobre uma quarta evidência da vida religiosa das pessoas. A característica que parece mais universal nas práticas religiosas que é possível testemunhar na nossa época poderia ser rotulada de espinha dobrada. As pessoas inclinam-se nos locais sagrados perante as figuras que adoram ou perante os representantes dessas figuras. Muitas vezes ajoelham-se e deitam-se no chão em sinal de respeito perante o que parece ser infinitamente maior do que elas mesmas. A terra em que têm os pés não é suficiente para as degradar; os

crentes e adoradores desejariam uma terra ainda mais funda em que pudessem ser engolidos. Andar de motorizada ou conduzir um Bentley a duzentos quilómetros por hora também não parecem ser atitudes religiosas. Isto é muito estranho, de facto. A genuflexão ou a prostração completa parecem ter o monopólio da experiência religiosa. Uma patrulha policial das auto-estradas não acreditará no automobilista que afirme que a sua condução acima da velocidade permitida está ao abrigo da lei da liberdade religiosa. Se isto é evidente para nós, por que razão é que as pessoas dobram a espinha quando têm experiências religiosas?

Uma vida religiosa que mostre que as pessoas naturais e os seres sobrenaturais têm idêntico valor não parece existir. Do mesmo modo, a noção de que as pessoas são o verdadeiro centro do universo e que os seres sobrenaturais estão ao seu serviço, assim como os animais domésticos ou as bestas de carga, não tem muitos seguidores nesta época. As pessoas preferem ser elas próprias os animais domésticos e as bestas de carga de seres que têm indubitavelmente interesses que podem não coincidir com os interesses humanos. As pessoas estão, pois, com a espinha dobrada e parecem apreciar muito essa situação, distribuindo elogios a quem mais dobra a espinha perante a fauna sobrenatural.

A surpresa da criança não deve morrer. Compete aos filósofos apropriarem-se dessa surpresa e explorarem o seu âmago. A espinha dobrada não é importante por si mesma. Não está em causa a objectividade dos gestos humanos ligados à religião. Se as manifestações somáticas da actividade religiosa fossem correr cem metros em menos de dez segundos ou tirar a roupa, também isso seria enigmático. O âmago da espinha dobrada reside no interesse radical dos seres humanos. A espinha dobrada significa que, para os crentes, o seu interesse último coincide com o interesse dos seres sobrenaturais perante quem se dobram e prostram. A espinha dobrada é a destruição completa da dimensão política da religião. O crente afirma que nada deseja para si que não seja o desejo do seu deus. Não há negociação. Não reclamação. Não há rebelião. Outras manifestações do comportamento religioso não dobram a espinha. Pense-se na magia. Aqui há uma atitude negocial em relação ao sobrenatural. Por circunstâncias diversas, a actual definição de religião é dominada pela espinha dobrada e pela crença religiosa. Os biliões de pessoas que se dizem religiosas não se dedicam a práticas mágicas combativas; dobram a espinha e acreditam. Dizem entre si que são muito felizes.

A dimensão política da religião é o assunto mais importante de um filósofo da religião. As provas da existência de Deus têm sido o assunto que se associa imediatamente às tarefas de um filósofo da religião. Isto é ver mal as coisas. Existam ou não os seres sobrenaturais em que acreditam os seguidores dos cultos, o mais importante é saber o que é que realiza o interesse humano. As histórias dos romances e dos filmes são inventadas e as pessoas não se preocupam com a existência de figuras literárias. O interesse humano neste caso é o do entretenimento e não o da reflexão ontológica. Se se chegasse à conclusão de que os seres sobrenaturais não existem mas que, mesmo assim, é útil por qualquer razão continuar a acreditar que eles existem, o culto poderia

ser aplicado às populações em causa. Desde Platão que qualquer governante sabe que as mentiras têm utilidade política. Pode acontecer que o interesse humano não resida no reconhecimento que se faz da existência de uma ordem sobrenatural mas numa reclamação de poder. Neste caso, o interesse humano seria o de exigir para os seres humanos aquilo que os seres sobrenaturais já têm e já são. Como se vê, a surpresa de uma criança perante a espinha dobrada dos crentes tem lições muito importantes. Infelizmente, os filósofos académicos já deixaram de ser crianças há muito tempo e ocupam-se dos assuntos religiosos porque os seus interesses não são filosóficos mas de carreira. A filosofia ligada às universidades é um crime cultural que acabou com a grande filosofia do passado em que os aristocratas do espírito podiam livremente colocar as questões que entendessem.

Perante estes exemplos de uma agenda para a filosofia da religião, o que concluir? O debate religioso já está estruturado e parece que já tem muitas evidências acima de qualquer suspeita. A condição filosófica não deve aceitar, porém, nenhuma evidência. Pode acontecer que as evidências sejam verdadeiras, mas também pode acontecer que, sendo verdadeiras, não correspondam aos interesses últimos das pessoas. Um filósofo rapidamente verifica que nenhuma das noções acima mencionadas tem sentido. Vejamos sem qualquer ambiguidade o que se passa a respeito de cada uma delas. A respeito da primeira, é necessário verificar se a religião é de facto um assunto raro. A respeito da segunda ideia, é duvidoso que existam grandes religiões no planeta Terra; parece consensual que existem associações cívicas que fazem coisas muito interessantes e que têm biliões de seguidores, mas não é seguro que sejam actividades religiosas. A crença religiosa pode não ser o âmago da religião. O debate em torno dos assuntos religiosos tem uma unanimidade perigosa e, muito provavelmente, enganadora. Tudo parece depender do verbo ‘acreditar’. Não se percebe facilmente como é que a crença canibalizou todas as outras atitudes humanas perante os fenómenos sagrados. Se é suficiente para os crentes que a crença esteja no centro do fenómeno religioso, para a filosofia isso não acontece. É tarefa dos filósofos explicar como é que a crença ocupou o lugar central, quando é que isso aconteceu e o que é que isso implica em termos políticos. A quarta noção a analisar é, precisamente, a do interesse político dos seres envolvidos no assunto religioso. As pessoas têm interesses e presume-se que as entidades sobrenaturais também têm interesses. Aliás, já mostraram que a história humana não lhes é indiferente e que apreciam muito ocupar-se dos assuntos humanos. Um filósofo não deve descartar a ideia de que os seres sobrenaturais também sofrem de tédio e precisam de fazer alguma coisa para passar o tempo.

Este ponto de vista sobre a religião é claramente contra-intuitivo. Qualquer das ideias acima expressas teria sido suficiente para mandar para as fogueiras da Inquisição alguém que nessa época as tivesse apresentado. Mesmo hoje, em muitas partes do mundo, estas ideias são mais do que suficientes para justificar medidas de grande violência contra alguém que as apresente. É, pois, importante apresentar o caso com detalhe. Pode acontecer que as ideias sejam verdadeiras mas também pode acontecer

que os seres humanos não tenham interesse na verdade das coisas. O interesse da nossa vida não coincide com a verdade ou com a ordem do mundo. Seja como for, este é o tipo de inquérito feito por um ocidental para olhos ocidentais. É pouco provável que esta análise tenha sentido para pessoas com a espinha dobrada perante seres que se podem estar a divertir com toda a situação.

II – O MITO DA RARIDADE DAS RELIGIÕES

Voltemos à primeira ideia que parece tão evidente que não merece segundos pensamentos. A religião é um assunto raro e as suas origens estão sempre no passado. Os Gregos foram os primeiros a compreender que não há povos sem religião. Esta descoberta nunca foi desmentida e ainda hoje é uma evidência que todos os povos da terra são religiosos. Não há excepções conhecidas. Perante isto, verifica-se que tudo em que acreditam os povos teve uma origem no passado. As religiões estão protegidas pelo prestígio do passado remoto e é difícil, por conseguinte, estudar o nascimento de uma religião. Qualquer oportunidade para assistir ao aparecimento de um novo culto deverá ser aproveitada; pode acontecer que o pequeno culto dê origem a uma grande religião mundial. Ao que parece, todas as grandes religiões tiveram uma origem modesta; por isso, nunca se sabe...

Contra todas as evidências, o aparecimento de novas religiões é mais frequente do que parece. Podemos, pois, escolher uma delas para compreender a origem dos cultos. Seria interessante dominar os detalhes do aparecimento de cultos em Jerusalém e em Roma; como isso é impossível, temos de escolher Jerusaléns pequeninas e Romas em miniatura.

Existe na ilha de Tana, no arquipélago de Vanuatu, no Pacífico, a religião do deus John Frum. O que surpreende os Ocidentais que tomam conhecimento desta religião é o nome do próprio deus. O nome não tem uma sonoridade indígena e é obviamente anglo-saxónico. Tirando esta anomalia, tudo na religião John Frum é semelhante a qualquer outro culto. Existem pessoas que acreditam num ser sobrenatural, acreditam que esse ser já as contactou e visitou, e acreditam que voltará para distribuir benesses entre os seus seguidores. Os crentes de John Frum organizaram-se de um modo semelhante ao de qualquer outro culto. Existem apóstolos, sacerdotes, datas festivas e mártires.

Com estes dados, ainda não temos material suficiente para compreender como se originou o culto de John Frum. De facto, estamos temporalmente próximos da origem deste culto mas não somos contemporâneos dessa origem, se bem que possamos falar com pessoas que foram contemporâneas ou que conheceram quem o tenha sido. A investigação de uma série temporal presume que a série tenha tido um início objectivo. Com a origem das religiões não é possível ter certezas desse tipo e pode acontecer que o início seja uma atribuição retrospectiva. Dizendo de outro modo, as pessoas contemporâneas dos eventos originais não repararam que estavam a testemunhar o aparecimento de uma nova religião. Anos depois, ao procurarem dar sentido a uma série de eventos, consideraram que a origem do culto residia no passado, sem que pudessem atribuir a causa a este ou a aquele acontecimento.

Poderíamos perguntar: por que razão existe um deus com um nome ocidental numa ilha do Pacífico? Os antropólogos que investigaram o assunto têm conjecturas sobre o que se passou. É muito provável que um avião norte-americano tenha caído de pára-quadras nessa ilha durante a preparação para a guerra do Pacífico, no final dos anos 30, ou durante a guerra, nos anos 40. Os nativos da ilha nunca tinham visto um homem branco, nem aviões, nem pára-quadras. Pior ainda, não falavam a língua do avião, nem o avião a língua deles. O que surgiu desta situação? Um povo que vivia literalmente na Idade da Pedra ao entrar em contacto com um ser humano de uma civilização mais avançada não pôde deixar de considerar divino esse ser humano. Se não conheciam aviões, nem pára-quadras, nem armas modernas, nem homens brancos, é muito provável que esta surpresa tenha sido resumida na consideração da divindade de um ser humano normal.

O avião deve ter tentado dizer aos nativos pelo menos o seu nome, algo como «Eu sou o John e vim da América». As palavras inglesas «John from America» rapidamente se terão transformado àqueles ouvidos aborígenes em algo como «John Frum». O avião, entretanto, deverá ter conseguido sair daquela ilha onde o consideravam um deus e tratou da sua vida.

A história da religião John Frum revela a essência da religião e dos processos religiosos. Quando o avião partiu, as pessoas da ilha ficaram com uma boa história para contar e muito poder para exercer. Não é difícil imaginar o que aconteceu. As pessoas que não sabem o que fazer da sua triste vidinha ficaram com uma matéria preciosa, a mais preciosa da vida humana. Chama-se sentido. As vidinhas das pessoas foram reorganizadas em torno desse evento e do fantasma do sentido. Algumas escaramuças entre o povo indígena e os colonos ocidentais do arquipélago deram origem a mortes entre a população. Estas mortes foram interpretadas como um martírio em relação a John Frum. Rapidamente surgiram pessoas que detinham um conhecimento superior ao das outras sobre o que se tinha passado. Tornaram-se, obviamente, os primeiros sacerdotes. Entretanto, a vida humana não é infinita e as pessoas vão desaparecendo e outras vão surgindo. Com a passagem normal das gerações, os mais novos não viram o que se passou no início e encontram apenas umas pessoas que contam umas coisas e encontram uma narrativa que dá sentido às suas vidas numa ilha isolada em que pouca coisa acontece. As novas gerações encontram esse sentido assim como encontram as pequenas heranças de terras e choupanas que os papás e as mães lhes deixaram. A narrativa sobre eventos originais, sobre os primeiros mártires e sobre o futuro dá sentido à vida das novas gerações. Esse sentido estrutura tudo o que é relevante na vida das pessoas. Questões sobre a identidade são respondidas através da narrativa que as novas gerações descobrem assim como descobrem a certa altura da vida como é que se fazem os bebés e como é ingrata a velhice. Questões sobre o sentido geral da vida também encontram nessa narrativa uma resposta. E todos ficaram muito felizes por as suas vidas terem o tal sentido.

Tana é um laboratório perfeito para se compreender a experiência religiosa. O encontro de um povo da Idade da Pedra com um representante do século XX

produziu grandes estruturas funcionais da crença que se assemelham às estruturas das grandes religiões mundiais. Veja-se como. O Johnfrumismo é uma religião que os antropólogos e historiadores da religião classificam como *cargo cult*. Os nativos acreditam que John Frum voltará no futuro e distribuirá cargo, isto é, mercadorias como bolachas, rádios, coca-cola e chocolate. A esperança num futuro melhor do que o presente é uma característica das grandes religiões mundiais, uma manifestação da crença numa idade de ouro. Não seria difícil aproximar a esperança salvífica na chegada de um cargueiro com mercadorias a histórias cristãs por todos conhecidas, como o Maná do deserto, a Multiplicação dos Pães e a Ceia de Canaã.

Já se mencionou a existências de Primeiros Mártires e de Sacerdotes. O quadro não fica completo, porém, sem outras estruturas funcionais da crença. Alguns relatos guardam a memória de um marinheiro de nome Thomas Beatty, conhecido localmente como Tom Navy, isto é, o Tom da marinha. É provável que este marinheiro tenha desempenhado funções semelhantes à do Precursor, tipo S. João Baptista, ou do Primeiro Divulgador, tipo S. Paulo. O próprio John Frum desempenha a função de Deus na Terra ou de Nazareno. Como a memória humana organiza os eventos segundo calendários, há em Tana uma data equivalente ao Natal ou à Revelação ou Epifania: o dia 15 de Fevereiro é considerado localmente como o Dia John Frum. Vasculhando o passado da ilha, será possível encontrar nativos que desempenharam as funções de Profeta. A história do culto mostra também personalidades que podem ser consideradas os Apóstolos do Johnfrumismo.

Estes dados permitem uma reflexão de alcance mais vasto do que o que se passou numa pobre ilha do Pacífico. É inútil sublinhar a diferença entre os detalhes dos eventos em Tana e em todas as outras religiões mundiais. Não é importante o inventário dessas diferenças regionais. O que mais surpreende em Tana é a facilidade com que se constituiu uma religião. É evidente que esta facilidade só é percebida por estrangeiros que habitam uma época histórica milhares de anos mais avançada do que a de Tana. Os nativos não têm, obviamente, acesso aos meta-processos de constituição do seu culto; do seu ponto de vista, não há nenhuma facilidade nem transparência no processo.

O âmago do Johnfrumismo reside numa figura indubitavelmente humana que foi percebida por outros seres humanos como sobre-humana. Este facto pode ser generalizado. Não há uma matéria-prima religiosa, uma especificação técnica do que pode ser considerado sagrado. Se um ser humano normal foi considerado por outros seres humanos normais como um deus na terra, o elemento causador de uma religião é potencialmente infinito. Onde está John Frum poderia estar qualquer outra coisa. A lição a extrair deste caso é a de que os seres humanos são crentes religiosos independentemente da sua vontade e dos particularismos dos eventos. Não existindo uma essência do religioso, tem-se apenas a percepção do religioso, a atribuição a algo de propriedades humanas inflacionadas. Estas propriedades nunca são especificadas com detalhe. Nem o deus John Frum nem qualquer outro das outras religiões é descrito com utilizando instrumentos que ultrapassam a vida humana normal, como

teletransportadores e máquinas do tempo. O processo de atribuição de propriedades é claramente evemerista. A vida humana tem problemas; o deus não terá nenhum problema. Os homens têm capacidades mentais e físicas; os deuses terão exactamente o mesmo tipo de capacidades, apenas em grau mais inflacionado.

O que mais surpreende em Tana é o ensimesmamento da inteligência do crente. As esperanças messiânicas num futuro salvífico não precisam de provas e não estão sujeitas às variações emocionais. A menina optimista que conseguiu um namorado acredita em John Frum, tal como continua a acreditar depois de ter perdido o namorado. Já se viu que o processo não depende da vontade e pode acrescentar-se que também não depende de outros módulos estruturais da cognição humana, como a percepção ou a locomoção. É inútil exportar preocupações de uma faculdade para outras faculdades. A racionalidade aprecia que os factos sejam a base dos argumentos; esta exigência é absurda para outras faculdades humanas. Não há factos que justifiquem as emoções; as pessoas têm medo mesmo que não exista objectivamente nada de que tenham medo. A percepção também não depende de um sistema racional de provas; as bermas de uma estrada parecem ao percipiente que se encontram no infinito independentemente de ele saber racionalmente que tal é impossível. A faculdade da crença é, pois, bastante imune aos dados das outras faculdades. Num sentido real, é um processo que se desenrola de modo autónomo, se bem que possam acontecer cruzamentos excepcionais entre as faculdades. Um estado emocional como o medo pode influenciar a percepção. É possível que processos das várias faculdades humanas influenciem o desenvolvimento da crença, tal como esta pode influenciar a percepção, a emoção e as outras faculdades. John Frum aparece regularmente a algumas pessoas quando estas se retiram para a floresta. Estas narrativas são absurdas do ponto de vista racional mas mostram que a intensidade da crença pode alterar a percepção dos crentes.

Um crente não pode explicar as razões da sua crença; pode, evidentemente, produzir um discurso fantástico, na aparência racional, sobre essa característica da sua vida. Do mesmo modo, um ateu não tem qualquer possibilidade de explicar a sua atitude perante a religião; isto não impede que também ele possa produzir um discurso fantástico em que demonstra como é insensível à religião.

Não há nenhum bebé que seja religioso e é improvável que qualquer criança seja religiosa. É certo que a adolescência é propícia ao interesse por assuntos sobrenaturais e que o estado adulto diminui a intensidade da crença, talvez por as pessoas terem de fazer pela vida. Com a velhice, as preocupações com a religião aumentam e é provável que todos os moribundos sejam crentes totais. A crença religiosa não está imediatamente associada a uma estrutura anatómica, tal como a visão está associada aos olhos e a partes do cérebro. É um processo que acontece às pessoas independentemente das suas vontades. Isto não deve causar surpresa nenhuma. Os seres humanos estão cheios de processos semelhantes. Uma menina de quatro anos de idade não sente dores menstruais, nem tem o desejo intenso por alimentos exóticos e caros que atormenta algumas mulheres grávidas. Estes processos ainda não aconteceram à menina

de quatro anos. Um ateu pode estar numa situação de infantilidade religiosa; talvez uma circunstância especial inicie o processo da crença. Nunca se sabe.

Um modo sucinto de caracterizar esta situação é descrevê-la como um universal humano. Todos os povos, todas as épocas e todas as civilizações desenvolvem processos semelhantes. Isto sempre aconteceu e sempre acontecerá. As enciclopédias dedicadas a assuntos religiosos têm inventários exaustivos de milhares de religiões. Nos sítios mais improváveis aparece um culto ou uma manifestação do sagrado.

Ainda não se descobriu o conjunto de factores que são obrigatórios nesse processo, o que se poderia considerar o algoritmo das religiões. Esta falta de conhecimento não se deve à dificuldade intrínseca do assunto. Este assunto não é mais complexo do que a percepção ou outras estruturas cognitivas humanas. Não há muita investigação sobre este assunto devido a pressões culturais e a erros de perspectiva. O poder de iniciativa da religião parece acontecer ilusoriamente fora da esfera humana. Experiências científicas de introdução deliberada de novas religiões poderiam esclarecer muitos aspectos ainda pouco compreendidos. Como a ética da investigação científica impossibilita totalmente essas experiências, a reflexão está refém do que acontece nas sociedades humanas.

O mito da raridade das religiões é, pois, como um ramo de flores que um namorado oferece à sua apaixonada. O ramo não é essencial à relação mas faz parte do conjunto de aspectos circunstanciais e decorativos do amor. A narrativa sem fundamento de que as religiões vêm de fora e são raras é o ramo de flores inúteis que contribui para enobrecer discursivamente um assunto banal.

III – AS RELIGIÕES MUNDIAIS NÃO SÃO RELIGIOSAS

Temos entre mãos dois resultados preciosos. O primeiro é o de que a origem das religiões não está sempre no passado e não é tão rara quanto nos levaram a crer. O segundo é o de que os conteúdos da actividade religiosa são exclusivamente humanos, apesar de parecerem outra coisa devido às variações normais das representações.

Estes resultados, a serem verdadeiros, colocam-nos muitos embaraços. O maior dos embaraços é este. As grandes religiões *não* são de facto actividades religiosas. A melhor forma de as caracterizar é a de as considerar associações cívicas. O Cristianismo não é uma religião, nem o Hebraísmo, nem o Islão. Estes movimentos são considerados por todas as pessoas do mundo como religiões. Esta situação é, de facto, muito interessante porque revela processos civilizacionais que modelam a percepção do mundo. O modo como se categoriza a esfera do religioso está mineralizado. Grandes categorias como a de ‘crente’, ‘não crente’, ‘agnóstico’, ‘sagrado’ e ‘profano’ constituem um alfabeto aparentemente esculpido na ordem do mundo. Nada disto é verdade. O modo como as categorias se organizam não depende da ordem do mundo e é claramente cultural e civilizacional. Quando se considera, por exemplo, o Cristianismo uma religião, muitos outros eventos, pessoas e fenómenos são degradados a categorias menos nobres como as de ‘feitiçaria’, ‘animismo’, ‘patologia psiquiátrica’ ou

outras mais criativas e fantásticas. Este processo aconteceu na Europa de um modo extraordinário. Durante a evangelização dos muitos povos europeus, o Cristianismo teve de diabolizar as religiões xamânicas de centenas de povos. A estratégia deliberada foi a de lhes negar visibilidade e legitimidade; de repente, por vontade política de Roma e de Constantinopla, as religiões xamânicas passaram à categoria de ilusões feitas nascer por Satanás. O *Canon Episcopi* do Abade Regino de Prüm é exemplar desse processo. Essa página do ano 906 d.C. deu origem a bibliotecas de literatura demonológica que contribuíram para reorganizar as categorias do religioso no Ocidente. Uma manifestação dramática de como estas categorias dependem da cultura de uma época aconteceu no século XIX. Os impérios coloniais europeus contactaram com povos xamânicos em todas as latitudes do mundo e, obviamente, não atribuíram a categoria de religião ao que viam. Para além das atribuições multisseculares de ‘superstição’ e de ‘ilusões demoníacas’, os observadores coloniais introduziram as categorias médicas da patologia psiquiátrica. Como a atribuição de loucura e de degeneração foi bem sucedida, a medicalização do sagrado desenvolveu-se muito na Europa da Belle Époque. A religião dos nativos foi medicalizada, Lourdes também foi medicalizada e o mesmo aconteceu com ordens religiosas e até com grandes religiões como o Cristianismo. O médico psiquiatra Miguel Bombarda classificou deliciosamente os Jesuítas como pacientes da patologia psiquiátrica da loucura jesuítica. Ele acreditava piamente que o seu diagnóstico e o seu catálogo nosográfico eram verdadeiros.

A inclusão em categorias é um processo muito lento e facilmente acontece a ilusão de que as categorias são estáveis e permanentes. Vivemos uma época que pode contribuir para mais uma alteração das categorias do religioso. O argumento decisivo para esta reorganização é a matéria-prima do religioso. Não tem sentido atribuir a categoria de religioso a acções exclusivamente humanas, mesmo que as pessoas envolvidas nelas afirmem que são actividades religiosas; afinal, podem estar enganadas. As associações que passam por grandes religiões mundiais são hoje de natureza cultural e cívica; noutras épocas foram de natureza política e militar, e ainda existem estados claramente teocráticos (a Arábia Saudita, o Irão, o Vaticano). Não são decisivos estes aspectos humanos; se o fossem, poder-se-ia alimentar a compulsão de poder social dos médicos para tudo controlarem, fazendo com que a religião entre na categoria de comportamento desviante e anómalo. O único ponto de vista racional sobre este assunto é, obviamente, o da alegada matéria-prima da religião: o sagrado, o sobrenatural, o ominoso, enfim, qualquer que seja o rótulo que se atribua. *Só é religião o que efectivamente promover o contacto com o sobrenatural.* Não há outra maneira racional de olhar para o assunto. Como as supostas grandes religiões mundiais têm calendários litúrgicos, peregrinações, rituais, paramentos, textos sagrados e milhões de outras coisas, verifica-se que tudo isto não serve para compensar a ausência notória do sobrenatural. Palavras existem aos biliões mas nenhum crente cristão, por exemplo, pode pedir ao seu bispo para ver directamente os anjos de Deus: «O senhor Bispo dá-me licença que veja os anjos do Onnipotente entre as duas e as cinco da tarde? Depois disso já não é possível porque tenho de ir buscar as crianças ao infantário.» Esta caricatura é muito séria porque as assim ditas religiões mundiais têm um ma-

nifesto desprezo por formas de contacto directo com o sobrenatural. O seu assunto não parece, por conseguinte, ser o sobrenatural. Só uma investigação ulterior mais detalhada poderá identificar a matéria real dessas associações cívicas. Uma conjectura apressada é a de que elas desenvolvem funções de perpetuação da memória identitária das sociedades; outra é a de que são formas de auto-organização dos povos; outra ainda, sempre sedutora e verdadeira, é a de que são grupos cujo interesse é o de dominarem através de ideias e de crenças as populações. Pode acontecer que os negócios dos cultos atinjam somas da ordem do crime organizado, das despesas militares e dos orçamentos de saúde. Não importa muito o resultado das averiguações que se fizerem. O ponto decisivo é exclusivamente a presença ou a ausência do sobrenatural. Só isso faz diferença; as palavras não fazem diferença; as crenças não fazem diferença; os textos alegadamente sagrados não fazem diferença; os paramentos e rituais não fazem diferença; as intenções das pessoas não fazem nenhuma diferença. Se Satanás ou o Arcanjo Miguel ou o deus Apolo estiverem presentes, isso fará toda a diferença.

Com este quadro analítico, é de toda a evidência que apenas o xamanismo é uma religião. Vejamos alguns argumentos para compreender o que está em causa. *Todos* os povos do mundo foram xamânicos em algum momento da sua história. Além disso, o xamanismo é o conjunto de práticas religiosas que promove o contacto directo dos seres humanos com o sobrenatural. Pelo contrário, as grandes religiões mundiais, sobretudo as religiões do Livro, desconfiam de qualquer forma de aceder directamente ao sobrenatural e organizam-se em torno de pessoas e de obras humanas (casta sacerdotal, textos sagrados, tempos litúrgicos, etc.). Esta distinção esquemática é abrupta. Numa religião que não aprecia o contacto directo com o sobrenatural, como o Cristianismo, é possível encontrar excepções: práticas mágicas antigas, alegadas manifestações do sobrenatural na violação das leis da natureza através de milagres, possessão demoníaca e personalidades arrebatadas pelo êxtase místico. Estas excepções, importantíssimas em si mesmas, têm pouco valor para a vida quotidiana de milhões de crentes que facilmente as consideram ilusões de épocas supersticiosas ou coisas do passado remoto. Outras alegadas religiões mundiais, como o Budismo, têm um contacto maior com o sobrenatural. Quando se estuda com detalhe a sua história rapidamente se conclui que o xamanismo não desapareceu totalmente e que o âmago das práticas religiosas é claramente xamânico. Isto é especialmente evidente no Budismo do Norte em que as práticas dos oficiantes *bön* e de outros povos da Ásia Central foram misturadas com preceitos búdicos. O Budismo do Norte ou Lamaísmo tibetano é na sua essência um xamanismo intelectualizado. Na Grécia antiga, as manifestações da religião cívica tinham um fundamento xamânico de contacto directo com o sobrenatural. A lista de situações em que o encontro com o sobrenatural acontecia é muito longa, mas estes indícios são especialmente relevantes: as oficiantes dos oráculos entravam no seu êxtase em contacto directo com os deuses; muitos cultos aconteciam em cavernas; muitos templos tinham partes que simulavam cavernas e a escuridão associada às mesmas; os processos iniciáticos para grandes multidões masculinas envolviam enteogénicos; a Grécia teve nas suas várias civilizações praticantes de magia e teurgia; e, não menos relevante, muitos processos

terapêuticos envolviam o dormir em recintos sagrados de modo a que o paciente ou oficiante fossem possuídos pelo deus de modo a compreenderem o que fazer para alcançarem a cura.

Ao tomar conhecimento deste passado riquíssimo, qualquer pessoa que hoje pratique uma das grandes religiões mundiais não pode deixar de sentir que foi enganada e espoliada do seu património de formas de acesso ao sobrenatural. As alegadas grandes religiões mundiais não são hoje mais do que coreografias desinteressantes completamente desprovidas de sobrenatural; podem estar providas de muitas coisas benéficas (amizade, altruísmo, filantropia, etc.), mas nenhuma delas é suficiente para atenuar a perda colossal que é a falta de contacto directo com o sobrenatural de um modo quotidiano.

As associações cívicas, culturais e políticas que se disfarçam de religiosas varreram completamente o sobrenatural. Num assunto infinito e do tamanho da história do mundo seria difícil ser preciso e exaustivo. Apenas algumas pinceladas para esboçar o que está em causa. Para vermos com detalhe o que se passa, temos de fazer o inventário da vida e das crenças religiosas. Começemos com esta pergunta das crianças na idade dos porquês: quais são as coisas que as religiões colocam no céu? A essência de todas as religiões é a promessa de contacto com realidades divinas não humanas. A música sacra representa essa promessa, bem como a literatura sagrada de todas as épocas. É possível, pois, dar uma vista de olhos a tudo o que foi produzido sobre o Outro Divino. Afinal, o registo escrito da nossa cultura é um património que pode ser analisado nos seus conteúdos. Uma conjectura muito razoável que se pode fazer sobre este património material é a de que noventa e nove por cento do que já foi composto, desenhado, pintado e escrito, e que está nos nossos conservatórios, museus e bibliotecas, se ocupa apenas de assuntos humanos.

Talvez este ponto de vista tenha excepções. Para não se ser injusto em relação a coisas que parecem ultrapassar a compreensão de pessoas normais, o melhor é ser exaustivo tanto quanto é humanamente possível. Existem enciclopédias do sobrenatural que inventariam praticamente todos os supostos fenómenos em que aconteceu um encontro com o Outro Divino. Uma enciclopédia desse tipo, com milhares de páginas, é a *The Gale Encyclopedia of the Unusual and Unexplained*, do casal Brad Steiger e de Sherry Steiger, publicada em 2003. Quando se percorre as suas páginas não é possível deixar de sentir um calafrio quando se repara na banalidade de tudo o que parece não humano. Os deuses e os demónios que nos atormentam são estranhamente parecidos connosco. Todos os verbos que podem descrever os seres humanos também podem descrever essas supostas entidades; basta inflacionar um pouco ou fazer variações criativas. O Diabo, por exemplo, diverte-se como nós nos divertimos, faz maldades como nós fazemos, assina contratos como nós assinamos, para redigir esses contratos precisa de tinta, como nós precisamos, gosta muito do erotismo, como nós gostamos, adora as escaramuças, conflitos e guerras como nós apreciamos sofregamente... É difícil não morrer de tédio perante as representações do preternatural e do sobrenatural.

A lição a retirar destas representações do sagrado é a de que falamos muito disso, mas não estamos sinceramente *interessados* nesse tipo de coisas. Falamos para exorcizar e para nos colocarmos no caminho do poder. Os nossos deuses e demónios são estranhamente parecidos connosco porque representam a agenda que queremos para nós mesmos: sermos nós próprios assim como os representamos a eles.

Repare-se no conjunto vasto de textos sagrados que parecem mais afastados da experiência humana: as histórias da criação do mundo. Nas milhentas narrativas de criação do mundo de todas as religiões da Terra não há nada que não seja humano. Nós trabalhamos; os deuses fazem qualquer coisa para ocupar o tempo; nós procuramos perfeição; os deuses criadores criam perfeição; nós preocupamo-nos com os nossos filhos e com os nossos haveres; os deuses preocupam-se com a sua criação e com o que os seres criados andam a fazer.

De facto, é difícil ou até mesmo impossível encontrar um *único* texto religioso que fale de Religião. Todos os textos religiosos ocupam-se das novelas da vida quotidiana de todos nós em versão maior do que a vida. Os Evangelhos são um exemplo extraordinário disso. Com um lápis, corte-se tudo o que *não* é história humana: poderosos contra fracos, pessoas que não sabem o que fazer do tempo que têm para viver e que apreciam ajuda na realização dessa tarefa, e actividade política. De facto, o que são os Evangelhos sem o conflito de Roma com Israel e de diferentes grupos entre si? Até o Mal é absurdamente parecido com os seres humanos: vê, participa, perturba, ocupa-se, trata da sua vida e desafia. Quando Satanás tenta Cristo no deserto chega ao ponto de o tentar subornar; coitado do Satanás, só tentou fazer o que nós sempre fizemos com gosto: subornamo-nos uns aos outros.

É evidente que este não é um retrato simpático das associações cívicas que se auto-intitulam religiões. Mas não é simpático porquê? Se no exercício do lápis ficar algo que seja completamente Outro, qualquer pessoa razoável aceitará o resultado. Porém, nada resiste ao exercício de uma leitura acompanhada a lápis. O que é a Ressurreição senão um assunto humano disfarçado? Os seres humanos morrem; faz-se uma pequena variação nesse motivo e temos que os seres humanos já não morrem. O que parece religioso é, de facto, uma colecção de pequenas variações da experiência humana realizadas com o objectivo de dar conforto. Os seres humanos apreciam muito narrativas de conforto como essas e, para além delas, inventaram indústrias poderosas com o único fim de terem conforto imaginário: a Literatura tem milhares de anos e não mata a fome a ninguém mas não há um único povo que não tenha inutilidades literárias; o mesmo com a música, com as outras artes e com o pensamento filosófico. Recentemente, inventou-se o cinema porque a compulsão humana para o conforto é parte da sua natureza. Não passa pela cabeça de ninguém razoável procurar no mundo os seres de ficção inventados por Hollywood, nem o Adamastor de Camões, nem o D. Quixote de Cervantes.

Nos nossos dias inventou-se a internet. Faça-se uma lista dos conteúdos que lá estão. O que é que os seres humanos adoram ver; mais, adoram *exclusivamente* ver? A resposta é evidente a todos: o único assunto que interessa aos seres humanos é o que

os outros seres humanos fazem. Para não morrerem de tédio, este assunto é glosado ao infinito. Algumas das variações deste assunto até parecem religiosas.

Só estamos interessados uns nos outros: quem manda em quem, quem pode auxiliar ou prejudicar, quem pode dormir ou não dormir com alguém. Os factos da vida são monótonos mas, como isto não é lisonjeiro, os seres humanos adoram grandes narrativas religiosas, ou de progresso ou de descoberta. O que caracteriza a religião é a amplificação que faz das pequenas vidas dos crentes. Uma amplificação suficientemente grande só cabe no céu; por isso, não é de estranhar que as narrativas religiosas sejam tão parecidas com as telenovelas da vida quotidiana.

Um autor francês, Didier Audinot, chegou a publicar um guia das estradas francesas, belgas e suíças com as aparições sobrenaturais, como fantasmas e mulheres brancas (*Les lieux de l'au-delà: Guide des fantômes, Dames blanches et auto-stoppeuses évanescentes en France, Belgique et Suisse*, 2007). No departamento tal, ao quilómetro tal, aparecem habitualmente mulheres-fantasma brancas e bonitas. Audinot fez um guia das aparições assim como o *Guia Michelin* faz uma lista dos restaurantes. O mundo do sobrenatural é um espelho gigantesco do mundo humano. Supostamente, o sobrenatural deveria representar precisamente isso: o sobrenatural. Infelizmente, só representa histórias humanas para entretenimento humano.

Veja-se, por exemplo, a colecção espantosa de narrativas sobre encontros com Damas Brancas. Ao mesmo tempo que a menina de catorze anos Bernardette Soubirous descobriu a Dama Branca que os padres da sua aldeia interpretaram e inventaram como Nossa Senhora de Lourdes, em Fevereiro de 1858, mais de quinhentos outros casos tinham acontecido na França daquela época. Bernardette não falava francês, mas *patois*, e descreveu a mulher branca que tinha visto com a palavra *patois* Aquèro, isto é, Aquilo. Nunca houve falta de mulheres brancas no mundo! Sempre as vimos e sempre as veremos em Lourdes, Fátima e em centenas de outros sítios. Até o velho Sócrates disse ao seu amigo Críton que o foi visitar à prisão pouco tempo antes de morrer, no diálogo platónico com o nome deste, que sonhou com uma mulher branca. Os Irlandeses têm uma *banshee*, isto é, uma mulher branca, para cada irlandês que morre. Estudiosos como Marija Gimbutas, Carlo Ginzburg e Claude Lecouteux fizeram inventários impressionantes de como as mulheres brancas estiveram sempre na nossa vida ao longo dos séculos desde o Paleolítico. Por vezes, até tinham nome próprio: Diana, Herodiade, Satia, senhora Abonde, Frau Holle e muitos outros. Como é possível que até o Sobrenatural seja espantosamente parecido connosco? Será que não há um demónio diferente, um anjo diferente, algo que não tenha *nada* a ver connosco? A resposta é evidente para qualquer pessoa que analise o que está em causa: eles são o que nós somos.

Nada disto é uma tese teórica. Trata-se de mera verificação de dados. Este tipo de exercícios pode ser feito com a classe de narrativas religiosas que se desejar. Apenas mais um exemplo.

Sempre existiram apocalipses e representações do Além e da morte. Nesta literatura vasta poderíamos encontrar o que procuramos obsessivamente: um buraco

na fechadura do mundo por onde se possa ver algo que não seja humano. O drama da solidão humana é que nem mesmo numa literatura antiquíssima sobre que existe depois da morte é possível encontrar uma fenda no ovo cósmico. Não é possível encontrar nenhuma fenda, nem nenhum buraco. Ulisses na terra dos Cimérios; Er, o Panfilio, no mito de Er de Platão; e milhares de outros textos sobre o Além, o que mostram? Já se sabe: os viajantes do Além de todas as épocas vêem uns seres muito semelhantes a nós: felizes uns, infelizes outros, punidos uns, recompensados outros, uns vão para cima, outros para baixo, e assim se entretêm como nós também nos entretemos por aqui nesta terra onde ainda temos os pés. Swedenborg, o príncipe dos visionários do século XVIII e fundador da Igreja da Nova Jerusalém, descreveu com detalhe alucinante a vida quotidiana dos anjos e das almas dos defuntos: vivem em casas, as casas têm mesas e lareiras, eles falam entre si... Um pesadelo maior do que este não é possível. Até no Além as coisas são semelhantes às que temos à nossa volta! Não nos surpreenderíamos se os anjos de Swedenborg também pagassem IRS, fizessem greves contra a legislação de Deus e tivessem telemóveis e internet.

O que é que está no céu? Esta uma pergunta das crianças na idade dos porquês. Já se sabe que o debate em torno da religião está fossilizado e que ninguém coloca questões impertinentes como esta. Está na hora de se ver com atenção qual é a resposta à questão da criança. Não pode ser senão esta: o nosso umbigo está no céu. Superficialmente, existem muitas disciplinas que representam tudo o que existe fora dos seres humanos. Essas disciplinas têm os nomes, que o tempo honra, de Ciência, Literatura, Direito, Teologia, Belas Artes, Música e tantas outras. Estas supostas ciências e actividades são, de facto, ramos da Umbigologia, a ciência comum a todas, aquela que coloca os traços do rosto humano em todos os recantos do mundo para onde olhamos. Onde está o Totalmente Outro? Não o conseguimos imaginar, não o conseguimos representar, não o conseguimos sonhar, não o conseguimos pensar. Para onde olhamos só nos vemos a nós.

A essência da religião é a amplificação infinita das características dos seres humanos. O que passa por religioso não é senão a manifestação de um desejo de poder e de melhoria da condição humana. As alegadas práticas religiosas são espelhos que amplificam o melhor e o pior do género humano. O drama terrível é que, ocupando-se sobre o sobrenatural, nada têm a dizer sobre ele e impedem o acesso directo a ele.

IV – O INTERESSE POLÍTICO DA RELIGIÃO

Vamos finalizar esta reflexão com algumas perguntas que têm de ser colocadas. São estas: se sabemos como aceder directamente ao sobrenatural, por que razão é que apareceram estas associações cívicas que nos enganam dizendo que são religiosas? Se podemos *fazer*, por que razão perdemos tempo com *acreditar*?

A resposta tem a ver com a dimensão política da religião. Os grandes filósofos do passado, com excepção dos gregos, não tinham contacto directo com o xamanismo. Na ausência da experiência imediata do sobrenatural, a ênfase foi colocada nos aspectos mais epistémicos da religião, como o jogo de crianças grandes que é a histó-

ria das provas da existência de Deus e de seres sobrenaturais. Tratou-se de facto de um jogo para entreter esses intelectuais brilhantes. Perderam o mapa de acesso directo e cerebralizaram e intelectualizaram o assunto.

Não existem abordagens do fenómeno religioso do ponto de vista político. Fomos de tal modo viesados pelas tais associações cívicas que pensamos precipitadamente que o religioso só tem a ver com amor, bons comportamentos, discursos e argumentos teológicos. De facto, sempre existiu uma tradição que valoriza os interesses e a dimensão política nas relações com o sobrenatural. É um dado da história da Europa que essas pessoas foram sistematicamente perseguidas, presas e queimadas. O coração da única religião da Terra é mágico. As pessoas dedicam-se a isso porque têm interesses na vida: querem conhecimento e poder e, em troca, fazem qualquer coisa real. A religião que encontramos nos nossos dias não tem, nem quer ter, um coração mágico.

As pessoas que dizem coisas estranhas ao afirmarem que são religiosas dobram geralmente a espinha e submetem-se a entidades sobrenaturais. Estar de joelhos é a essência da religião tal como a conhecemos nas suas formas abastardadas. É possível, contudo, recuperar a agenda de poder da única religião da terra, o xamanismo, a magia e a feitiçaria. Se os nossos antepassados venceram ursos gigantes, tigres dente-de-sabre monumentais e caçaram mamutes colossais, por que razão não continuamos a guerra infinita pela posse do mundo em sentido amplo? Cada pessoa interessada em fenómenos religiosos deve perguntar-se com frontalidade: “O que devo a toda essa fauna sobrenatural?” A resposta é, obviamente, nada: nós não devemos absolutamente nada ao sobrenatural que hipoteticamente existe fora de nós. Não devemos ir ao encontro do sobrenatural como se fôssemos naturalistas em expedição no século XVIII. Devemos ir ao encontro do sobrenatural com armas de caça e de guerra. A nossa posição não deve ser a de servos mas a de senhores do mundo. Temos de combater o coração peregrino e místico que ainda temos a palpitar dentro de nós. O nosso destino não é sermos crentes, peregrinos ou adoradores; o nosso destino é sermos tudo o que dissemos que os nossos deuses são: imortais e plenipotenciários.

A vida humana parece procurar o Outro Divino obsessivamente. Existem três exemplos desta obsessão doentia: umas pessoas estão interessadas em conhecer a natureza através da ciência, isto é, em conhecer objectos que não foram feitos por elas próprias; outras pessoas interessam-se por realidades divinas e organizam as suas vidas em clubes de interesses chamados ‘religiões’; outras pessoas não parecem ter nada de interessante a fazer nas suas vidas e dedicam-se a perscrutar as anomalias do mundo, as regiões entre a natureza e o sobrenatural; estas pessoas esquisitas gostam muito de inventariar os contactos com hipotéticos seres inteligentes não humanos. Nenhuma destas três actividades humanas realiza o interesse humano mais radical. A ciência, a religião e a actividade dos curiosos que procuram seres não humanos por esse universo fora são actividades menores da humanidade e lembram épocas infelizes em que havia escravatura. Estas pessoas (cientistas, religiosos e curiosos) dobram a espinha e fazem uma vénia ao que eles próprios não criaram. Isto é uma degradação

do humano. Não é possível pensar em nada tão indigno da humanidade quanto uma vida de crianças grandes que se entretêm com brinquedos, mesmo que esses brinquedos tenham sido feitos por Deus.

Estamos no momento certo para compreender o que nos impede de praticar sistematicamente a única religião da terra. É interessante reflectir sobre o xamanismo. O único conjunto de práticas que possibilita o acesso directo ao sobrenatural foi combatido por associações de pessoas que se consideravam religiosas. Uma ironia maior do que esta não é possível. Por definição, os religiosos apreciam tudo o que se liga ao sobrenatural, tal como os amantes se ligam às coisas amadas. Isto é constitutivo do religioso. Contra esta evidência, as alegadas religiões mundiais impedem o acesso directo e combatem o que se atreve a aceder directamente. Este paradoxo aparente é extraordinário! A solução do paradoxo reside na noção de interesse. É possível que várias pessoas na história do mundo tenham reflectido na essência do xamanismo, ou sobre práticas mais populares, como a feitiçaria, de acesso ao sobrenatural, ou sobre práticas mais elitistas para conseguir o mesmo, como a magia. Não é improvável que essas pessoas tenham ficado horrorizadas com a estranha menoridade a que o acesso directo conduz. Esta subserviência indigna perante seres que têm indubitavelmente interesses próprios que podem não coincidir com os interesses humanos teria de acabar mais tarde ou mais cedo. As alegadas grandes religiões mundiais aproximaram-se dos pensadores leigos e dos primeiros sábios dedicados à ciência de modo a promoverem a naturalização do mundo. Um mundo naturalizado contribui para afastar das preocupações quotidianas o numérico, o ominoso e o mágico. Num mundo naturalizado, a religião ocupa um lugar cada vez mais periférico. A atracção fortíssima que as pessoas sempre tiveram em relação ao sobrenatural atenuou-se através de práticas que superficialmente abordam o sagrado mas que efectivamente não têm nada a ver com ele.

O que nos impede, pois, de praticar a única religião da Terra? A resposta é evidente: o interesse humano radical é o de continuar para sempre a condição humana e melhorá-la. Muitos povos antigos têm histórias de tentativas de conquista dos Céus, como a história bíblica da Torre de Babel e a história que Hesíodo transmite da guerra dos Titãs contra os Deuses Olímpicos. Estas velhas histórias de rebelião nunca desapareceram e existem em todos os povos. A sua mensagem é clara: um dia os Céus serão conquistados e os deuses destruídos. É muito provável que o Ocidente tenha a missão histórica de multiplicar o número dessas rebeliões e de satisfazer a ânsia de onipotência que enche o coração de cada homem. A vida miserável é para escravos e não para os verdadeiros senhores do mundo que são as pessoas do Ocidente.

Na agenda da filosofia da religião tem de estar o esclarecimento de todas estas questões. Caso contrário, não tem grande valor.

Esta é uma obra de filosofia contemporânea, que reúne os textos ensaísticos de autores, que ousaram equacionar pessoal e racionalmente a questão de Deus nos dias de hoje, permitindo assim cumprir e concluir o projecto de Filosofia FCT / CFUL [PTDC/FIL/64249/2006]: «A Questão de Deus. História e Crítica» (Informação disponível em: www.aquestaodedeus.blogspot.com).

Os estudos universitários em filosofia devem não só assegurar a memória da tradição filosófica como estimular a construção do pensamento pessoal na actualidade. Só a realização deste segundo objectivo consagra a maioria intelectual das gerações do presente e do futuro, que guardarem a herança de um tão rico património de ideias como é o da história da filosofia.

Esta é uma obra de múltiplos equacionamentos filosóficos da questão de Deus, não propriamente uma obra de diálogo inter-religioso, embora possa servir este diálogo, na medida em que a filosofia se oferecer como mediação útil.

A garantia de uma total liberdade de pensamento e de expressão promoveu a inclusão nesta obra de uma diversidade assaz significativa, que não exaustiva, de posições tematizadas no âmbito de uma questão tão exigente e abrangente, porque estruturante de mundividências, e tão tocante e melindrosa, porque profundamente humana, como a questão de Deus.

ISBN 978-989-677-056-3



9 789896 770563

